



Amorosidade como princípio das práticas de saúde orientadas pela educação popular: um estudo bibliográfico

Lovingness as a principle of health practices guided by Popular Education: a bibliographical study

Pedro Cruz¹, Lucas Emmanuel Carvalho², Renan Soares Araújo³

RESUMO

A amorosidade tem se expressado historicamente como um dos princípios constituintes das práticas de saúde orientadas pela perspectiva teórico-metodológica da Educação Popular (EP), figurando, inclusive, como um dos princípios da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no Sistema Único de Saúde (PNEP-SUS). No entanto, existem ainda poucas sistematizações de experiências e aprofundamentos teóricos sobre esse princípio, seus caminhos, obstáculos e expressão na prática. Nesse contexto, o presente artigo se dedicou à explicitação de elementos constituintes da amorosidade. Para tanto, procedeu-se com um estudo bibliográfico com levantamento qualitativo da ocorrência das expressões amor e amorosidade em produções organizadas por coletivos nacionais de EP em Saúde e pelo Ministério da Saúde. Os resultados identificaram uma crescente utilização da amorosidade nessas publicações, particularmente, no período após a aprovação da PNEP-SUS. A amorosidade fundamenta (do ponto de vista ético), delinea (do ponto de vista estético) e refina (do ponto de vista metodológico) a constituição de um agir crítico, compromissado e humanizador no trabalho em saúde, o qual é inspirado e mobilizado pelo amor. É capaz de contribuir para a superação de limites do fazer profissional, particularmente aqueles impostos pelo olhar tecnicista. Nas práticas à luz da amorosidade, desenvolve-se um espaço que tanto é terapêutico como de promoção de bem estar, por meio de abordagens caracterizadas pelo encontro intersubjetivo, pelo diálogo entre sujeitos, pela presença acolhedora, pela escuta autêntica e por um processo de cuidado centrado no humano e em suas complexidades. Chama-se atenção para a necessidade de

¹ Departamento de Promoção da Saúde do Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: pedrojosecruzpb@yahoo.com.br.

² Departamento de Promoção da Saúde do Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal da Paraíba.

³ Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba

novos estudos e para um aprofundamento a respeito desse princípio nas práticas de saúde, dada sua relevância qualitativa no processo de compreensão e de construção de estratégias de promoção da saúde e de cuidado integral.

PALAVRAS-CHAVE: Amor. Participação da Comunidade. Educação em Saúde. Assistência Integral à Saúde.

ABSTRACT

Lovingness has historically been expressed as one of the constituent principles of health practices guided by the theoretical-methodological perspective of Popular Education (PE), including as one of the principles of the National Policy of Popular Education in Health in the Single Health System (Sistema Único de Saúde - PNEP-SUS). However, there are still few systematizations of experiences and theoretical insights on this principle, its paths, obstacles and expression in practice. In this context, the present article is dedicated to the explanation of the constituent elements of lovingness. For that, a bibliographic study was carried out with a qualitative survey of the occurrence of the expressions of love and lovingness in productions organized by PE national collectives in Health and by the Ministry of Health. The results identified a growing use of lovingness in these publications, particularly in the period after the approval of the PNEP-SUS. Lovingness references (from the ethical point of view), delineates (from the aesthetic point of view) and refines (from the methodological point of view) the constitution of a critical, committed and humanizing action in health work, which is inspired and mobilized by love. It is able to contribute to overcoming the limits of professional performance, particularly those imposed by the technician view. In the practices in the light of lovingness, it is developed a space that is both therapeutic and guided by the well-being, through approaches characterized by the intersubjective encounter, the dialogue between subjects, the welcoming presence, authentic listening and a care process centered on the human and its complexities. Attention should be drawn to the need for further studies and a deeper understanding of this principle in health practices, given its qualitative relevance in the process of understanding and building strategies for health promotion and integral care.

KEYWORDS: Love. Community Participation. Health Education. Comprehensive Health Care.

INTRODUÇÃO

No seio de iniciativas e trabalhos sociais em saúde orientados pela perspectiva ético-política da Educação Popular (EP), diferentes abordagens vêm à tona cotidianamente, configurando novas práticas, distintos saberes e outras dimensões para o cuidado e para a promoção da saúde. Em certa medida, as aprendizagens constituídas nas experiências de Educação Popular em Saúde (EPS) inspiram novos modos de compreender e de abordar os processos de saúde; seus obstáculos e questões-limites enfrentadas em seus percursos geram também aprendizagens e conhecimentos sobre novas possibilidades para o *fazer* em saúde. Novos horizontes, traduzidos por novas

possibilidades conceituais e metodológicas.

Muitos têm sido os trabalhos acadêmicos dedicados à sistematização de experiências de EPS. Em grande monta, os conhecimentos construídos nestes trabalhos têm permitido a explicitação teórico-metodológica de aspectos essenciais às práticas de EPS nos vários espaços e frentes de ação em saúde, sobretudo, demonstrando a potência desta perspectiva educacional como reorientadora de práticas profissionais e trabalhos sociais. Para tanto, uma das principais frentes de estudo e reflexão está no aprofundamento crítico-reflexivo de alguns princípios e dimensões fundantes da EPS, enquanto perspectiva ético-política e pedagógica no campo da saúde, incluindo a análise de alguns limites e potencialidades, no que tange à expressão prática de tais princípios e dimensões. Este processo tem permitido um debate importante em torno da explicitação, compreensão e aprofundamento de diferentes categorias teórico-metodológicas singulares às experiências de EPS, bem como na discussão de valores e princípios importantes na obra de algumas referências da área, especialmente Paulo Freire, particularmente aquelas que tenham sido pouco sistematizadas pelos próprios autores.

Construído neste contexto, de forma articulada a este importante movimento, o presente artigo se dedicará à análise da *amorosidade* como um dos princípios da EPS, tomando como base a utilização desse conceito em textos publicados em recentes produções organizadas por coletivos nacionais e pelo setor do Ministério da Saúde responsável pela coordenação da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no Sistema Único de Saúde (PNEP-SUS), na qual a *amorosidade* configurou como um dos princípios orientadores.

A referência à *amorosidade* como conceito relevante no cotidiano de experiências e práticas de EPS tem sido observada de modo crescentemente expressivo nos últimos anos, o que pode ser constatado em diversos textos e obras desse campo, há muitos anos, sejam aqueles que sistematizam iniciativas e seus percursos práticos, sejam aquelas produções de cunho reflexivo e de fundamentação teórica. No contexto da formulação da PNEP-SUS, a *amorosidade* figurou como um dos princípios teórico-metodológicos, o que resultou de um processo de discussão com diversas experiências e coletivos nacionais de EPS, através do Comitê Nacional de Educação Popular em Saúde, como também de uma oficina promovida por esse Comitê com a participação de

pesquisadores do campo provindos de instituições de todo o país, incluindo membros do Grupo Temático de Educação Popular em Saúde da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO).

Contemplando, ao mesmo tempo, uma dimensão ética, política e metodológica da EPS, a amorosidade constitui um princípio na medida em que agrega um conjunto de cuidados, atitudes, procedimentos e posturas fundantes para a estruturação e orientação das práticas, através da valorização autêntica e profunda, no agir educativo em saúde, do que há de humano no ser humano.

Há, no entanto, poucas sistematizações de experiências e escassos textos de aprofundamentos teóricos, que se debruçam especificamente sobre esse conceito no campo da EPS, bem como apresentem os caminhos e obstáculos de sua expressão prática. Em alguns casos, a literatura apresenta a expressão do termo e de alguns de seus cognatos, porém, em contextos divergentes e com significados distintos ao campo semântico da EPS.

Diante do exposto, pretende-se, com este texto, proceder com um processo de análise conceitual que repercuta na explicitação de uma síntese do atual debate em torno da amorosidade na EPS. A construção deste estudo se deu no contexto de um Trabalho de Conclusão do Curso de Medicina da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), escrito por um estudante que teve a oportunidade de vivenciar a EPS por cinco anos em um Projeto de Extensão.

Em que pese se reconhecer os limites de uma pesquisa exclusivamente bibliográfica, ainda mais considerando que a teoria em EPS se constrói fundamentalmente na prática, há de se considerar que as afirmações e reflexões contidas neste estudo configuram uma contribuição de sujeitos implicados em práticas de EPS, no sentido de incentivar o estudo e as reflexões sobre o tema, bem como a explicitação de caminhos para as práticas de saúde como um todo. Não se pretende estabelecer uma posição conclusiva sobre o tema, nem tampouco apresentar uma possibilidade definitiva de compreender a dimensão da *amorosidade*. Busca-se incitar novas indagações e, a partir delas, novos caminhos que aproximem as pessoas e incrementem o exercício de iniciativas de EPS direcionadas à formação de pessoas que lutem por uma sociedade justa, solidária, saudável e amorosa.

Contextualizando a Educação Popular e sua interface com as práticas de saúde

A EP configura uma perspectiva de educação que considera, de maneira protagônica, os saberes da população e suas diferentes realidades culturais em processos de trabalho social, em espaços formativos e na construção de conhecimentos. Está implicada com o desenvolvimento de um olhar crítico das pessoas, buscando uma leitura profunda da realidade social, política e econômica, suas complexidades e contradições. Para tratar sobre EP, é imprescindível que se compreenda o emprego do termo *popular*. O conceito mais observado, inclusive em dicionários e no uso cotidiano da expressão, refere-se a algo que provém do povo, ou está direcionado para o povo, ou que atende às necessidades do povo. Porém, pela concepção de EP, o termo pressupõe uma visão política relacionada à promoção dos oprimidos, ou seja, aqueles que vivem sem as condições básicas para o exercício de sua cidadania e que se encontram marginalizados no sistema econômico hegemônico atual. Dessa forma, pode-se definir EP como uma teoria de conhecimento pautada em metodologias, que incentivam o empoderamento do ser oprimido, estimulando uma transformação social que visa suprir os anseios humanos de felicidade, justiça e liberdade, conforme assevera Brandão.¹

A EP remete a uma pedagogia imbuída de intencionalidade ético-política radicalmente participativa, com o horizonte de transformação da realidade na concretude da realização dos direitos historicamente negados e subtraídos aos sujeitos dos setores populares, conforme assinala Melo Neto.²

A EPS configura o campo em que a EP aplica e implica seus preceitos em prol do setor saúde, incluindo o cuidado, a gestão, a formação, a participação social e a promoção da saúde, buscando incorporar sua metodologia participativa e emancipatória nos espaços de produção e discussão da saúde.

A EPS encontra-se, hoje, consolidada como campo relevante no âmbito da Saúde, particularmente na Saúde Coletiva; um campo com expressiva profusão e diversidade de propostas metodológicas, públicos de referência e de parcerias, que apresenta forte potencial de articulação e fortalecimento de uma perspectiva dialógica, emancipadora, participativa, criativa e que contribui para a autonomia do usuário, no que diz respeito à sua condição de sujeito de direitos e principal protagonista em sua trajetória de vida, na busca de uma condição de vida plena e com qualidade.

A EPS apresenta-se como um trabalho pedagógico com o objetivo de subsidiar processos de conscientização das pessoas para a transformação das tradicionais práticas de saúde em ações concretas sob a realidade que levem à superação de modelos biomédicos, newtonianos e cartesianos de cuidado em saúde, ainda vigentes em diferentes espaços e contextos na atualidade.

Se a EP visa à libertação do indivíduo, através de seu empoderamento cultural e intelectual, a EPS visa possibilitar esse processo no âmbito do cuidado e com os agentes nele envolvidos. Seu foco volta-se para a superação das situações, que limitam o viver e o bem-estar coletivo saudáveis, buscando o máximo de qualidade de vida a que todos têm direito.

Situando a amorosidade e suas interfaces com a Educação Popular

Segundo o dicionário Houaiss,³ a palavra *amorosidade* consiste em um substantivo feminino que designa a qualidade ou característica daquilo que é amoroso, ou ainda, a qualidade da pessoa que expressa ou sente amor. De acordo com a mesma fonte, *amor* significa afeição viva por alguém ou alguma coisa, sinônimo de zelo e dedicação. Por se tratar de um termo aparentemente abstrato e que envolve em sua definição correlatos ainda mais imprecisos, tal qual sua própria raiz etiológica – *o amor*, a amorosidade é uma variável de estudo singular, que requer daquele que se propõe a estudá-la a apresentação clara de qual será o contexto em que ela será abordada. De fato, a amorosidade está presente em diversos contextos distintos e pode ser empregada com finalidades bastante diferentes em cada um deles. Sua presença é detectada em quase todas as relações humanas, seja a nível individual, familiar, social ou cultural.

O pioneirismo e as contribuições da obra freireana para a expressão do amor como dimensão do processo educacional

Paulo Freire escreveu sobre a amorosidade em diversas de suas obras, desde os seus primeiros escritos,⁴ e propôs a utilização desse conceito como um princípio fundante da ação educacional de cunho libertador. Para Freire, o processo pedagógico de cunho crítico e problematizador deve ser concebido, dentre outros fatores, a partir do compromisso amoroso com a causa da libertação daqueles que se encontram em

situação de opressão, por meio do desenvolvimento de uma prática que vise libertar e humanizar.⁴ Tal intencionalidade só é possível, na acepção freireana, com a inclusão e a valorização da dimensão do amor no processo educacional e seus espaços de realização, na medida em que esse mobiliza emoções e sentimentos balizadores de uma postura ética essencial: cada pessoa ter o outro como ser humano autônomo e emancipado – e não uma propriedade.^{4,5}

Freire se destacou, com ousadia, coragem e pioneirismo, por defender de forma explícita a incorporação do amor como dimensão significativa e da amorosidade como princípio orientador e abordagem essencial no fazer educacional e formativo das práticas sociais; estabelecendo uma compreensão teórica, que tanto vai de encontro a uma visão racionalizadora do processo pedagógico e, com isso, inclui, de maneira decisiva e importante, as emoções, sentimentos e processos intersubjetivos no centro do ensinar e aprender, tanto nos espaços escolares como nas práticas sociais em geral. Com isso, ainda fundamentou um olhar sobre o amor e a amorosidade como processos não somente românticos ou atinentes às relações amorosas e/ou conjugais, mas como posturas éticas diante do outro e como pautas e pressupostos para o agir solidário, humanizador e emancipatório na sociedade.

Andreola⁶ descreve que o discurso de Freire sobre o amor e a amorosidade não é baseado em um sentimentalismo incerto, mas precisamente em uma exigência radicalmente ética. Não se trata de um amor romântico e/ou sufocante; não é um amor que busca dominar, mas sim libertar e encorajar um compromisso na superação das opressões sofridas por homens e mulheres, a partir de uma postura de *amor-indignação-esperança*. Segundo Nascimento, Azevedo e Ghiggi, a obra de Freire deixa claro que:

[...] a seriedade e o rigor estão implícitos na prática pedagógica baseada na amorosidade e no diálogo, posto que, dialogar e demonstrar amor não significam infantilizar ou docilizar as relações interpessoais, nem assumir o papel de bonzinho.^{7:3}

No processo educativo freireano, o amor é tido como uma condição para o estabelecimento de uma intercomunicação profunda entre consciências que se respeitam.⁵ O *amor* e o *diálogo* estão diretamente relacionados com o respeito, a humildade, a fé e a esperança.^{4,8} Paulo Freire⁴ enfatizou que é impossível existir diálogo,

em seu sentido legítimo, sem um profícuo e denso amor ao mundo, a vida e aos outros.

De acordo com Freire, a pronúncia do mundo, no sentido da apropriação e empoderamento das pessoas, só é factível quando há amor, em seu espectro fundante e decisivo, pois a ação humana baseada no amor deve ser de comprometimento uns com os outros para a edificação de um mundo melhor.^{4,8} Nas palavras do próprio Freire: “ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz numa relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia”.^{4:46} A práxis da EP, estabelecida nessa busca pela libertação dos oprimidos, pode configurar um ato de amor, pois delineada como ação em contraposição a atitudes de desamor e opressão.⁴

Cabe frisar que o amor é algo que vem sendo refletido e analisado, desde a antiguidade – inicialmente por filósofos de variadas correntes de pensamento – até a contemporaneidade – com destaque para as áreas da psicologia e neurobiologia.⁹ Ambos os termos – amor e amorosidade – são muito antigos na literatura, remetendo às primeiras escrituras sagradas, tais como a Bíblia cristã, o Alcorão islâmico, a Torah dos judeus e o Bhagavad-Gita, obra indiana milenar que deu origem a diversas ramificações do Bramanismo. Nesta acepção, observa-se uma íntima e intrínseca relação dos termos com a origem de algumas das principais religiões praticadas no mundo, o que corrobora com a ideia da indissociação entre humanidade e amorosidade. A prática, o cultivo e o aprimoramento do poder de amar e receber amor são as principais temáticas dessas religiões, pois essas doutrinas tratam o amor como uma ferramenta (ou estratégia) de reconexão com o divino.

Por este ângulo, as fontes do pensamento freireano, bem como a forma de Paulo Freire conceber os termos *amor* e *amorosidade*, tem sido diretamente relacionada com sua opção religiosa pela vertente do *cristianismo* de cunho *social*, na perspectiva que ficou conhecida como Teologia da Libertação¹⁰ – concepção teológica que vê o pobre como protagonista de sua libertação, compreendendo que é necessário o comprometimento social e político dos cristãos para a constituição de um mundo solidário e justo, tendo os oprimidos como sujeitos ativos desta transformação.⁹

É importante assinalar que, antes de Paulo Freire, Hannah Arendt¹¹ falava em *amor mundi*, expressão que compreende a admiração pela obra das gerações humanas passadas e de desejo que tal obra seja “preservada” para as gerações que ainda virão.

Para Arendt, amorosidade está implicada com o compromisso com o *por vir*, através da preservação e do cuidado com o meio onde se vive e com as pessoas com quem se convive. Tal perspectiva implica, preponderantemente, uma atitude pessoal e coletiva de cuidado com o mundo. Um cuidado mobilizado por um sentimento profundo de admiração com o mundo, suas riquezas e belezas, e também por um desejo de cultivá-lo com o compromisso de enxergá-lo enquanto espaço privilegiado para o *ser mais* (uma categoria freireana) de cada uma e de todas as pessoas. O *amor mundi* como postura permanente de busca por ambientes e condições dignas para uma vida plena para todos os indivíduos que partilham deste espaço.

Embora quando observada na prática, a amorosidade seja muito semelhante para os dois autores, Freire e Arendt apontam distinções na finalidade do uso da intencionalidade amorosa. Para o primeiro, o foco está na responsabilidade em defender a emancipação e libertação de indivíduos historicamente excluídos da sociedade, enquanto que para o segundo, tal responsabilidade se remete ao mundo, corroborada por sua expressão *amor mundi*, em que se deve preservar o espaço-tempo para as gerações vindouras, garantindo boas condições em um ambiente favorável. A amorosidade, entretanto, manifesta-se igualmente com o sentido de comprometimento pleno em busca do bem-estar comum, seja com o outro hoje, seja com o mundo e suas gerações de amanhã.

A amorosidade como princípio orientador dos processos educativos

Quando se diz que a sociedade moderna tem se tornado *desumana*, refere-se ao embotamento emocional/relacional que pode ser observado cada vez mais frequentemente em no cotidiano do ser humano. Ou seja, a perda progressiva da capacidade de amar e tomar consciência do amor que circula. Em boa monta, a ênfase da obra freireana no amor como dimensão do fazer educacional consiste em uma provocação crítico-epistemológica no sentido de se valorizar, incluir e considerar, profundamente essa como uma dimensão inequívoca e fundante do fazer educacional humanizante, pois, para, efetivamente, ser capaz de estimular e mobilizar uma formação humanizadora com as pessoas, o processo educativo não pode se dar sem o envolvimento explícito de uma dimensão tão humana como o amor. Nessa direção, a

amorosidade emerge tanto como uma qualidade exigida para esse fazer educacional, mas também como um princípio balizador de posturas, atitudes e procedimentos nos caminhos e percursos metodológicos da ação, dada a complexidade do amor e suas interfaces, bem como a seriedade com que tal dimensão precisa ser considerada para então ser incluída e valorizada.

A amorosidade se expressa na prática da EP, por meio de diferentes caminhos, como pela atitude de busca de formação de vínculos afetivos entre as pessoas envolvidas, pela valorização das trocas intersubjetivas entre as pessoas, incluindo a consideração – na experiência educativa – das emoções e sentimentos mobilizados, e também pelo desenvolvimento dialógico do processo de ensino-aprendizagem. Assim, a EP representa uma abordagem educativa que, ao mesmo tempo em que problematiza a realidade e oportuniza o mergulho consciente e crítico no meio cultural, interliga as experiências distintas dos atores participantes, através do acolhimento de seus saberes em suas variadas formas de construção e mobilização, inclusive aquelas ligadas à emoção e ao “coração”; o que repercute em um processo formativo e de ação social pautado pela perspectiva de uma construção profundamente compartilhada de saberes; compartilhada justamente por agregar de maneira respeitosa e inclusiva os conhecimentos, pensamentos, emoções e perspectivas das pessoas em caráter diverso e multifacetado.

Freire⁴ ainda fundamenta o emprego da amorosidade enquanto estratégia de aproximar os envolvidos nos processos de EP, por um vínculo afetivo que processa uma relação respeitosa, fraterna e solidária, a qual repercute em um compromisso político: a troca de saberes entre indivíduos com a intencionalidade de atingir o *ser mais*.⁷ Para Freire, o amor está materializado na aspiração em desempenhar – de forma ética e do melhor modo possível – o papel de educador-facilitador deste processo de desvelamento do mundo, para propiciar a formação de pessoas autônomas.^{12,13}

Na publicação intitulada *Dicionário Paulo Freire*, organizada por Streck, Redin e Zitkoski,¹⁴ entre a gama variada de verbetes apresentados, encontra-se a palavra *amorosidade*, a qual, segundo Fernandes,¹⁵ é uma possibilidade de construção coletiva e solidária entre as pessoas, tendo como base o respeito e a humildade, na esperança de alcançar uma vida com justiça e dignidade para todas as pessoas neste mundo.

No campo das políticas públicas, cumpre ressaltar que configurou marco

significativo a definição da *amorosidade* como princípio da PNEP-SUS, a qual enxerga na amorosidade uma potente ferramenta para a construção coletiva, através da aproximação dos agentes envolvidos e da relação baseada no diálogo e na horizontalidade:

A valorização da amorosidade significa a ampliação do diálogo nas relações de cuidado e na ação educativa pela incorporação das trocas emocionais e da sensibilidade, propiciando ir além do diálogo baseado apenas em conhecimentos e argumentações logicamente organizadas. Permite que o afeto se torne elemento estruturante da busca pela saúde. No vínculo afetivo criado na relação educativa em saúde surge uma emoção que influencia simultaneamente a consciência e o agir das pessoas envolvidas, ampliando o compromisso, a compreensão mútua e a solidariedade, não apenas pela elaboração racional. A amorosidade aciona um processo subjetivo de elaboração, não totalmente consciente, que traz importantes percepções, motivações e intuições sobre a realidade para o processo de produção da saúde. [...] Enquanto referência para a ação política, pedagógica e de cuidado, a amorosidade amplia o respeito à autonomia de pessoas e de grupos sociais em situação de iniquidade, por criar laços de ternura, acolhimento e compromisso que antecedem às explicações e argumentações. Assim, traz um novo significado ao cuidado em saúde, fortalecendo processos inovadores já em construção no SUS como a humanização, o acolhimento, a participação social e o enfrentamento das iniquidades em saúde.^{16:15-16}

Em consonância com a definição conceitual da *amorosidade* na PNEP-SUS, a Secretaria Geral da Presidência da República, em seu *Marco de Referência de Educação Popular para as Políticas Públicas*, situa também a perspectiva da amorosidade, asseverando que “A amorosidade em Freire pode ser percebida em toda a sua obra, em especial quando suas reflexões abordam a relação homem-mulher-mundo, em que o diálogo se apresenta permeado pela humildade e esperança.”^{17:38}

MÉTODOS

Este estudo foi promovido com a metodologia de pesquisa bibliográfica e com um percurso de análise pautado pela dialética. Segundo Gil “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.^{18:44} Tal modalidade de pesquisa tem como finalidade propiciar que o pesquisador entre em contato com o máximo de materiais possíveis sobre o que se

tem produzido e registrado a respeito da temática a ser investigada.¹⁹

O processo investigativo iniciou com uma revisão bibliográfica em torno do conceito de *amorosidade* e sua interface com o campo teórico da EP, em que foram consideradas centralmente obras de Paulo Freire, entre outras produções da área.

Em uma segunda etapa, foi promovida uma pesquisa bibliográfica acerca desse conceito no campo da EPS. Nessa etapa, foram consideradas seis obras de repercussão nacional, publicadas nos últimos 8 anos, em recentes produções dos coletivos nacionais de EPS, particularmente o *Grupo de Trabalho de Educação Popular em Saúde da Associação Brasileira de Saúde Coletiva* (GT de EPS da ABRASCO), a *Articulação Nacional de Extensão Popular* (ANEPOP), a *Rede de Educação Popular em Saúde* (REDEPOP) e a *Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde* (ANEPS). Os títulos foram selecionados, a partir de sua relevância no cenário dos movimentos e práticas de EPS, nos últimos anos, incluindo duas coletâneas organizadas pelo GT de EPS da ABRASCO, lançadas pelo Ministério da Saúde; uma obra organizada com base em uma experiência de relevância significativa na construção da ANEPOP; um livro organizado no contexto da REDEPOP; uma revista a partir da ANEPS e um livro organizado por atores e militantes da ANEPOP. As obras estudadas foram:

- *Caderno de Educação Popular e Saúde*, lançado em 2007, pelo Ministério da Saúde;
- *II Caderno de Educação Popular em Saúde*, lançado em 2014, pelo Ministério da Saúde;
- *Vivências de Educação Popular na Atenção Primária à Saúde: a realidade e a utopia*, organizado por Ernande Valentin do Prado e Maria Amélia Medeiros Mano, lançado em 2010, pela editora EdUFSCar – Universidade Federal de São Carlos – SP;
- *Educação Popular na Formação Universitária: reflexões com base em uma experiência*, organizado por Eymard Mourão Vasconcelos e Pedro José Santos Carneiro Cruz, lançado em 2011, em uma parceria da Hucitec Editora com a Editora Universitária da UFPB;
- *REVISTA ANEPS - Saberes e Práticas: Experiências de Educação Popular em Saúde*, publicada em 2011, pela Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde – ANEPS, organizada por Graciela

Pagliari, Ivanilde Vieira Batista, Osvaldo Peralta Bonetti, Simone Maria Leite Batista, Tatiana Novais, Theresa Siqueira, Vanderléia Daron e Vera Dantas;

- *Educação Popular na Universidade: reflexões e vivências da Articulação Nacional de Extensão Popular – ANEPOP*, organizado por Pedro Cruz, Marcos Vasconcelos, Fernanda Sarmento, Murilo Marcos e Eymard Vasconcelos, lançado em 2013, em uma parceria da Hucitec Editora com a Editora Universitária da UFPB.

Para a análise dessas obras, foram selecionados, inicialmente, dois cognatos derivados do mesmo radical. Foram eles: *amor* e *amorosidade* (e suas flexões de gênero e número). Para a pesquisa das ocorrências dos termos, foi utilizado o mecanismo de busca por varredura eletrônica dos textos digitalizados nas obras de número 1, 2, 4, 5 e 6. Para a obra de número 3, a busca foi feita manualmente, por meio da identificação dos termos sob leitura direta do livro impresso, o que, apesar das exaustivas revisões, não exclui a possibilidade de um viés de subnotificação de algum verbete.

Para a construção da análise por parte dos pesquisadores, em cada obra, foram montadas duas tabelas, cada uma referente a uma das palavras analisadas. Cada quadro foi constituído por três colunas: a primeira especifica a página em que a ocorrência foi verificada; a segunda apresenta a transcrição literal do fragmento textual (período ou trecho) e a terceira traz uma breve análise do contexto em que a palavra foi utilizada, situando sua ocorrência quanto à sua semântica na obra, conforme o exemplo a seguir.

Tabela 1 – Exemplo: Ocorrências do termo “amor” no *Caderno I de Educação Popular em Saúde*.²⁰

Página	Transcrição Literal	Contexto
74	O problema DST/HIV/AIDS poderá ser discutido em toda sua complexidade numa abordagem conjunta de sexualidade, reconhecimento social e cultural do corpo, relações de poder no casamento, sexo/ <i>amor</i> e suas interações, no acesso a preservativos, entre outros temas que devem ser citados.	O termo é utilizado em associação ao sexo, remetendo-se a uma abordagem da sexualidade no contexto de problematização da AIDS.

Fonte: elaborada pelos autores

Um painel comparativo foi montado para reunir os valores absolutos das

ocorrências em cada uma das obras, mostrando a frequência com que os termos foram citados em cada livro, conforme descrito no item de resultados.

RESULTADOS

Conforme conceitos e compreensões de coletivos nacionais da área, em resumo, pode-se afirmar que o estudo bibliográfico encontrou os seguintes resultados, após pesquisar os termos *amor* e *amorosidade* nas obras pesquisadas.

Tabela 2 – Número de ocorrências dos termos pesquisados em cada obra.

Categories	Caderno I de Educação Popular em Saúde	Caderno II de Educação Popular em Saúde	Educação Popular na Formação Universitária: reflexões com base em uma experiência	Vivências de Educação Popular na Atenção Básica à Saúde: a realidade e a utopia	Educação Popular na Universidade: reflexões e vivências da Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP)	Revista ANEPS – Saberes e Práticas: Experiências de Educação Popular em Saúde
Amor	10	2	15	13	22	0
Amorosidade	1	6	12	1	11	0

Fonte: elaborada pelos autores

Diante do exposto, procedendo com a análise de cada citação dos termos e do contexto no qual foram utilizados, ao longo dos textos considerados (conforme exemplo demonstrado na tabela 1), serão apresentadas algumas reflexões e considerações, no que tange à fundamentação da amorosidade como princípio da EPS e suas práticas.

Amorosidade como processo que enfatiza a convivência, o vínculo intersubjetivo e a inserção cotidiana na realidade

Dentre as publicações dos coletivos nacionais de EPS, em um relato de uma estudante de uma experiência de Extensão Universitária orientada pela EP, o *amor* é apresentado como um dos sentimentos que a impulsiona a continuar no trabalho de Extensão em saúde junto à comunidades e grupos sociais: “O que me motiva é o amor,

o compromisso com a vida e com o futuro melhor”.^{21:135} Há, nessas obras, uma expressiva produção de discursos que revelam envolvimento, comunicação intersubjetiva e laços de empatia no pensar e no agir dos agentes universitários e comunitários como processo próprio do fazer educacional dos projetos de extensão. “[...] esse pilar [a extensão] é um espaço decisivo para aproximar o científico e o popular, imbricando o conceito de responsabilidade, comprometimento, amorosidade e solidariedade dos diversos atores com a dinâmica social de nosso país”.^{22:105}

As publicações oriundas de experiências extensionistas revelaram o *amor* como elemento intrínseco da construção pedagógica, particularmente quando desvelado no âmbito da realidade social concreta, particularmente em comunidades. Corroborando com esse entendimento, Santos^{23:51} afirma que o processo de trabalho “[...] com base na educação popular, fala de amor, esperança e sonho”.

Por se tratar de um processo continuado, horizontal e de elevada penetrância na rotina das classes populares, suas famílias, grupos e pessoas, a Extensão Popular é capaz de propiciar o estabelecimento de vínculos intersubjetivos, que se traduzem na *amorosidade*, por envolver afeto, intencionalidade política solidária e comprometimento social. Isso, no entanto, só é possível mediante a convivência prologada e consistente do estudante com o contexto social onde está inserido. Nesse caso, a amorosidade possui papel decisivo como princípio orientador de abordagens do agir em saúde, pautando posturas, atitudes e cuidados importantes, para que a convivência dê subsídios capazes de fomentar os vínculos intersubjetivos anteriormente citados. No trecho a seguir, o autor contrasta situações de opressão e contradição com o processo educativo da Extensão Popular, que inclui o respeito e a amorosidade:

Muito provocado pelas situações de opressão e contradição que observava naquela época, dentro da universidade e fora dela (na comunidade), fiquei surpreso e apaixonado por vivenciar um processo educativo por meio do qual se valorizavam o respeito e a amorosidade e não deveria ter receio de esconder meus sentimentos, motivações e emoções.^{24:196}

Observa-se que, nas obras de Extensão Popular, apresentam-se relatos vivenciais de experiências onde se compreende a amorosidade “[...] traduzida na fé no ser humano e em sua capacidade de lutar para *ser mais*”,^{25:24} o que é parte fundamental do processo de transformação da realidade de opressão.

Assim, o conceito freireano de amorosidade é explicitado e exemplificado,

contrastando com seu sentido associado a uma dimensão exclusivamente sentimental. Mais uma vez, ocorre a expressão “ser mais”, pela qual Freire demonstra a energia motriz que dá vida à expressão “amorosidade”, conforme ilustrado a seguir.

[...] ao ler Freire, descobrimos que amorosidade é sinônimo de fé “no outro”, ou seja, crença absoluta de que todas aquelas pessoas, em sua humildade e simplicidade, possuem uma significativa sabedoria de como lidar com a vida, o que as guiará numa busca por ser mais.^{26:183}

Os autores prosseguem a explanação sobre a amorosidade, fazendo novas exemplificações. “A amorosidade se configura, por meio do vínculo, na confiança mútua, na parceria, na esperança de que juntos conseguiremos conquistar os sonhos almejados coletivamente”.^{26:183} O termo “amorosidade” figura como um dos conceitos envolvidos na relação entre os atores da Extensão Popular com a dinâmica social do país, ocorrendo juntamente aos termos “responsabilidade”, “comprometimento” e “solidariedade”.

Amorosidade como preceito das abordagens das ações educativas no cotidiano do trabalho em saúde

No Caderno I, cerca de metade das citações infere amor ou amorosidade de forma associada a um sentimento na relação humana. Por exemplo, no trecho seguinte, o termo é utilizado em associação ao sexo, remetendo-se a uma abordagem da sexualidade no contexto de problematização da AIDS.

O problema DST/HIV/AIDS poderá ser discutido em toda sua complexidade numa abordagem conjunta de sexualidade, reconhecimento social e cultural do corpo, relações de poder no casamento, sexo/amor e suas interrelações, acesso a preservativos, entre outros temas que devem ser citados.^{27:74}

Na perspectiva da amorosidade freireana, em uma das menções no Caderno I, a palavra “amor” é acompanhada do termo “afeição” e referida, segundo o conceito de Freire, o qual é diretamente referenciado na frase.

Freire toma como ponto de partida a postura de que a valorização da competência tecno-científica e o rigor não devem ser menosprezados e nem supervalorizados em relação ao amor e à afeição, indispensáveis à ação educativa.^{28:101}

Há menção à *amorosidade* de maneira articulada aos processos de “mediação, [e] [...] construção coletiva”,^{29:115} sobretudo no espaço da ação educativa no campo da

saúde. Observa-se a referência à amorosidade como processo direcionado a duas questões fundantes para essa ação educativa. O primeiro inerente ao fomento de uma abordagem educativa que se traduza em um “[...] processo de constituição de sujeitos operativos”,^{29:115} o segundo, enxergando na *amorosidade* referencial do diálogo para a consciência crítica na construção da problematização. “Diálogo, nessa perspectiva, tem a amorosidade como dimensão fundante, contrapondo-se à ideia de opressão e dominação”.^{30:75}

Nos textos mais atinentes aos processos de cuidado em saúde e suas interfaces, há, em outra passagem, o entendimento de *amorosidade* como uma atitude encharcada de uma leveza que é significativa, mesmo em situações de criticidade ao denunciar desigualdades e injustiças no contexto das ações educativas em saúde, o que se reflete na afirmação desse princípio como “[...] a aposta na solidariedade e na amorosidade entre os indivíduos como forma de conquista de uma nova ordem social”.^{31:18} Para Wong-Un, “esse é o desafio da amorosidade da educação popular que indica um caminho ético e político para todo o trabalho em saúde, para todo o Sistema de Saúde”.^{32:186}

A obra organizada por Mano e Prado³³, a partir da REDEPOP, reúne diversas histórias, casos e relatos coletados por todo o país, centralmente narradas por trabalhadores de saúde no cotidiano das ações, serviços e movimentos em saúde. O livro é perpassado de exemplos de amorosidade vivenciada na prática, em diversos relatos apresentados, como no trecho seguinte, em que o *amor* figura como um preceito fundamental para a vida, e tal constatação é um resultado da experiência do autor:

A oportunidade de ver tantas vidas longamente vividas, e viajar pelo passado, presente e futuro de histórias de pessoas idosas, podendo com elas compartilhar sofrimento, alegria, esperança, indignação, reforçou ou estimulou em mim o valor da prevenção e o reconhecimento de sua complexidade; a inseparabilidade de saúde/vida/envelhecimento; a urgência da luta pela vida com dignidade; a certeza de que o amor e a solidariedade são fundamentais e de que o preparo para a partida talvez nos dê alguma chance de, a exemplo da estória contada por Rubem Alves, “saborear morangos à beira do abismo”.^{34:209}

Em outra passagem, o termo *amorosidade* aparece acompanhado de *cuidado*, *solidariedade* e *preocupação*, indicando o sentido de envolvimento empático entre o autor e seu interlocutor:

Acho que é isso, a minha mensagem para ti foi uma forma de expressão de cuidado, de amorosidade, de solidariedade e de masculinidade que expressa preocupação com o outro homem em sofrimento e em esperança.^{35:229}

No decurso deste estudo, foi observado algo de reflexão relevante. Após a aprovação da PNEP-SUS, no âmbito do Conselho Nacional de Saúde, em 2012, houve uma maior expressão da amorosidade como um dos princípios epistemológicos considerados, apresentados e discutidos nas obras dos coletivos de EPS e demais publicações correlatas, o que se pode observar, especialmente no *II Caderno de Educação Popular em Saúde*. A diminuição do volume de aparições do termo *amor* reforça o refinamento da ideia de que a *amorosidade* implica em uma força movida pela intencionalidade nas ações, enquanto que o *amor*, por si só, é um sentimento que pode estar envolvido no processo, embora sua presença não seja condição determinante. Assim, no que tange à amorosidade, o *II Caderno de Educação Popular em Saúde* se revela muito mais proponente e desafiador que o primeiro, mais tímido e descritivo. O aumento do número de repetições da expressão *amorosidade* reflete um convite à ação feito pela obra, que demonstra conter mais ferramentas e meios concretos para se colocar em prática as experiências compartilhadas.

A subnotificação da amorosidade em algumas obras, particularmente naquelas relacionadas ao trabalho em saúde e às práticas populares, levanta a hipótese de que os atores podem estar fazendo EP, utilizando-se da amorosidade em sua mais plena potência, sem se darem conta do processo que realizam. Ou ainda, que, mesmo tendo essa consciência, não atentam para a importância de explicitar em seus relatos a utilização desse preceito epistemológico como forma de registro teórico, imprescindível para o fortalecimento da sistematização de experiências no âmbito da EPS.

DISCUSSÃO

A amorosidade pode ser estudada, desde um campo micropolítico, quando volta-se para o indivíduo em relação a si mesmo e com o outro, até uma análise de escopo macropolítico, onde a cultura, o meio ambiente e a vida em sociedade são fatores determinantes e determinados por sua expressão no cotidiano. No campo social, a

amorosidade é detectada nas ações individuais ou coletivas que visam o bem-estar das demais pessoas de um grupo ou de uma comunidade, e pode ser expressa pela política, pela educação e até mesmo pelo esporte. Aqui, a amorosidade se mostra um ingrediente primordial para a manutenção da vida em conjunto. A influência da amorosidade está diretamente ligada ao vínculo estabelecido entre os indivíduos. Quando a intencionalidade da relação visa a coletividade e a garantia de condições de igualdade entre as pessoas, a amorosidade se torna cíclica e reverbera de forma amplificada, retornando em forma de facilidades para o crescimento em conjunto, sem deixar, contudo, de valorizar e respeitar a individualidade dos envolvidos.

Culturalmente, pode-se entender a *amorosidade* como um elemento constituinte de uma estratégia de formação e produção de conhecimentos e de práticas que primam pelo bem-estar não só do indivíduo, mas do seu coletivo e do meio ambiente em que ele exerce suas singularidades. Por exemplo, a preservação da natureza e do meio ambiente demonstra o intuito de preservar também as gerações futuras, garantindo-lhes condições de desenvolvimento e estabelecimento de vida saudável no tempo-espaço, uma expressão de cuidado e amor pelo que ainda está por vir, transmitida por meio da cultura e dos costumes de um povo. Observa-se mais uma vez a expressão da intencionalidade baseada no cuidado com o outro (e com as outras gerações).

Diferente de outras práticas e experiências de trabalho social, talvez seja no campo da saúde em que os sentimentos e a percepção da *amorosidade* se expressem com maior concretude no cotidiano, muito em função do fato de o processo de cuidado em saúde ter como pressuposto fundante *o encontro entre as pessoas*. Mesmo que a situação envolva a prestação de um serviço por um profissional voltado para um usuário, existe o encontro – e é nesse cenário em que a amorosidade se estabelece. E não se trata de um encontro qualquer, pois durante o processo de adoecimento e cura ocorre a mobilização de sentimentos profundos, envolvendo medos, anseios, inseguranças e outras vulnerabilidades, que instauram uma crise no adoentado. Por outro lado, o cuidador também traz para esse encontro suas emoções. Nesse momento, a essência do ser humano, na busca pelo que Paulo Freire chama de *ser mais*, torna mais propícia a aproximação entre as pessoas e leva ao estabelecimento do vínculo de cuidado. De um lado, aquele que busca o cuidado e encontra-se fragilizado pela crise de sentimentos

que se manifestam em seu corpo. Do outro, um indivíduo que se dispõe a ajudar o outro a restaurar seu equilíbrio, dotado igualmente de fragilidades e limitações.

Sendo assim, como princípio da EP, nas práticas de saúde, entende-se que, a partir das obras estudadas, a amorosidade fundamenta (do ponto de vista ético), delinea (do ponto de vista estético) e refina (do ponto de vista metodológico) a constituição de potentes processos educativos de ação emancipatória.

Do ponto de vista ético, a obra de Freire⁴ concebe o amor como uma das dimensões fundantes do compromisso de cada sujeito com o outro, com o mundo e com a humanidade. Como dito anteriormente, com princípios como a amorosidade, Freire estabelece uma implicação ética no agir pedagógico, ao incluir, nas práticas educativas, o amor como parte integrante e fundamental do processo. O amor como mobilizador de uma busca incessante por horizontes e condições para que todas as pessoas possam exercer com plenitude suas buscas por *ser mais* e possam, paulatinamente, ter a capacidade de construir com autonomia subsídios para trilharem na direção da efetivação de seus projetos de felicidade.

Por tal entendimento, a amorosidade freireana refere-se, centralmente, a uma dimensão maior do que os processos educativos locais e territorialmente circunscritos. Seu componente ético implica, necessariamente, um olhar universal para a saúde e suas práticas, em um horizonte em cujos fundamentos estão a busca pela justiça e pelo respeito à dignidade humana.¹⁵

Nessa direção, no contexto capitalista vivenciado na atualidade, com seus contornos neoliberais, o amor expressa um ato de comprometer-se com o enfrentamento da exploração humana, da exclusão social e do sofrimento. Amorosidade como qualidade do ato educativo em incluir, em seu processo formativo, essa dimensão, que é eminentemente humana e humanística. Para caminhar por essa trilha, todavia, Freire não recomenda apenas a gentileza, a fraternidade, a solidariedade, o bem querer ou gestos como beijos e abraços. Propõe, em verdade, estratégias que corroborem com o enfrentamento firme e sistemático das condições humanamente contraditórias anteriormente citadas, apresentando a problematização e a ênfase na construção de uma consciência crítica diante das situações de opressão que as pessoas e os grupos vivenciam. A intencionalidade política de construir outros rumos para a sociedade, subvertendo e transformando seus determinantes excludentes, está, portanto,

intimamente associada ao fazer com os princípios da amorosidade.

Assim, a amorosidade se dá no momento em que essa intencionalidade dialoga com uma perspectiva do cuidado em que os envolvidos no ato de cuidar sejam afetados pelo encontro, de forma a compreenderem sua condição de humanos. Nesse momento, é possível perceber a importância da amorosidade, pois é ela quem traz à luz essas nuances mais profundas e escondidas de cada indivíduo, que, muitas vezes, são renegadas no processo de cura, enquanto que, de fato, deveriam figurar no centro do cuidado, considerando a inteireza de cada um, com seus sonhos, desejos, expectativas, medos e dores.

Além disso, a amorosidade se estabelece como dimensão ética fundadora da EPS no momento em que tal perspectiva educacional em saúde enseja processos e encontros daqueles que, por alguma razão (paixão, sensibilidade, ideologia, racionalidade, visão política) se aproximam das classes populares e com elas constroem vínculos afetivos, conforme define o professor e médico José Ivo Pedrosa. Tais vínculos são a base que alimenta, estimula e mobiliza o desenvolvimento de uma vivência coletiva em torno de movimentos que levem a “projetos de emancipação, libertação, autonomia, solidariedade, justiça e equidade”.^{36:137}

O processo educativo conduzido com amorosidade volta-se, por seu compromisso ético, para a aprendizagem com humanização e com possibilidade de promover o *ser mais* no outro, oportunizando aos indivíduos avanços em direção àquilo que podem, querem e buscam ser, desenvolvendo potencialidades, conhecimentos e capacidade de assumir seu lugar pleno no mundo e de, coletivamente, estabelecer espaços e contextos sociais, políticos e culturais condizentes com as buscas pessoais anteriormente referidas.

Do ponto de vista estético, acredita-se que, tanto no cuidado como na promoção da saúde, acessar o campo das subjetividades do outro, principalmente em um momento de fragilidade ocasionado por uma enfermidade ou distúrbio somático, não é possível caso a relação entre o cuidador e aquele que recebe o cuidado seja apenas superficial e desprovida de intencionalidade, de amorosidade. Tratar apenas os sintomas, como se a doença se resumisse exclusivamente a fatores externos, pode não apenas ser inútil, como também representar ainda mais danos ao paciente.

Redin³⁷ aponta, entre a trama de conceitos apresentados na obra Dicionário

Paulo Freire,¹⁷ o verbete *boniteza*, o qual se constitui em um conceito de Paulo Freire que expressa sua compreensão acerca da dimensão estética das práticas educativas e de seus processos de aprendizagem, considerando que “[...] a vida há que ser bonita, não só a vida do indivíduo, mas a realização de um povo”.^{37:66}

Importa enfatizar que, como princípio das práticas de saúde em EP, a amorosidade é construída paulatinamente. Isso se dá na medida em que se constituem relações autênticas e profundas entre as pessoas, ao passo em que vão tanto conhecendo profundamente suas histórias de vida, motivações, anseios e sonhos, como costurando laços de respeito ao outro, de valorização profunda do humano em cada pessoa, de compreensão das complexidades presentes no processo de vida e de construção de cada um. Aos poucos, desde que exercitado permanentemente nas práticas de saúde, tal princípio vai ensejando o desvelamento de um vínculo afetivo pela acolhida da multiculturalidade, pelo respeito às diferenças de cunho social, político e espiritual, pela partilha de sonhos e utopias em uma comunidade de trabalho social e pelo encantamento com a possibilidade de aprendizagem mútua. “É uma amorosidade compartilhada que proporciona dignidade coletiva e utópicas esperanças em que a vida é referência para viver com justiça nesse mundo”.¹⁵

Para tanto, do ponto de vista metodológico, a amorosidade confere à EPS fundamentação para a construção de processos educacionais, em cujos procedimentos se consiga, minimamente, buscar o exercício de dimensões participativas e emancipatórias nos espaços de produção e discussão da saúde. Traz um forte potencial de articulação e fortalecimento de uma perspectiva dialógica e criativa aos processos educativos em saúde na medida em que valoriza o vínculo afetivo e intersubjetivo como pressuposto do encontro entre os sujeitos e protagonistas envolvidos no processo, o que contribui para formas de pensar e conduzir as ações, que reforcem a autonomia das pessoas no processo de construção da saúde como bem viver e como qualidade de vida, sobretudo no que tange a sua condição de sujeito, ator e autor de sua trajetória.

Ainda, a amorosidade inclui, metodologicamente, a importância da autonomia dos profissionais diante da possibilidade de criar, inventar e reinventar modos de cuidado humanizados, compartilhados e integrais. Enfatiza, portanto, a mobilização de recursos e estratégias que, em sua metodologia, sejam conducentes à superação das situações que limitam o viver e o bem-estar coletivo saudáveis, buscando o máximo de

qualidade de vida que todos merecem. Para tanto, recomenda e exige das práticas o entendimento quanto à relevância singular do direito à manifestação das pessoas para, a partir de sua leitura crítica, proceder com a transformação das tradicionais práticas de saúde em práticas pedagógicas que levem à superação do modelo doentio de cuidado vigente.

Para tanto, a amorosidade confere uma contribuição metodológica peculiar à EPS: a de possibilitar o desvelamento de um encontro humano não apenas racional, objetivo e pragmático; mas, ao mesmo tempo, um processo em cujo interior estão pessoas encharcadas de subjetividades, emoções, sentimentos e mistérios; sua construção precisa, então, necessariamente respeitar, valorizar e considerar essas especificidades que são, em última análise, eminentemente humanas.

CONCLUSÕES

Ao longo deste estudo, foi possível problematizar referenciais teóricos e práticos fundantes acerca da expressão da *amorosidade* como princípio da EPS, a partir de produções dos coletivos nacionais de EPS. Nesse percurso, foram identificadas potencialidades quanto à força dessa categoria freireana nas narrativas, reflexões e postulados fundamentados, a partir de sujeitos militantes de movimentos e práticas de EPS, de diferentes espaços.

Os resultados obtidos identificam significativo crescimento quantitativo e qualitativo quanto à utilização da categoria nas produções dos coletivos nacionais de EPS, particularmente após a publicação da PNEP-SUS. Percebe-se que há potenciais e limites, no contexto diverso e multifacetado dos coletivos de EPS, quanto à expressão da categoria *amorosidade* no discurso teórico e teórico-prático (relatos de experiência) em suas mais recentes produções.

Todavia, é contundente a observação de que, a cada nova obra, tal categoria vem merecendo maior aprofundamento, estudo e problematização quanto a seus significados teóricos e práticos para as diferentes experiências de EPS, sejam aquelas articuladas, a partir da ANEPS, da ANEPOP, da REDEPOP ou do GT de EPS da ABRASCO. De sua compreensão como apenas manifestação do sentimento de amor, hoje pode-se afirmar que é crescente sua interpretação como princípio substantivo no

estabelecimento de um diálogo crítico, participativo e emancipatório. *Amorosidade* como pressuposto em qualquer processo de construção de uma pedagogia libertária, a qual considera, valoriza e inclui, de forma ativa, o amor e as várias outras emoções como parte do processo de ensinar, de aprender e, fundamentalmente, de cuidar e promover saúde.

Além da oportunidade para refletir sobre os diferentes conceitos da amorosidade, este trabalho possibilitou inferir que os estudos sobre a amorosidade na EPS se fazem ainda bastante escassos e carentes de aprofundamento. Reconhecendo as limitações da pesquisa apresentada e apontando para a necessidade de novos trabalhos a respeito, este artigo buscou apresentar diferentes visões a respeito da *amorosidade* e do *amor* dentro do contexto da EPS. As obras analisadas representam fontes literárias para diversas outras abordagens sobre o tema, o que corrobora com a necessidade de novos estudos sobre a *amorosidade* na educação em saúde.

Por isso, estudos mais aprofundados sobre a amorosidade e sua aplicabilidade (no campo não apenas da EP, mas também da Saúde), tornam-se imprescindíveis nos próximos anos, uma vez que tal princípio é capaz de contribuir para a superação de limites do fazer profissional em saúde, particularmente aqueles impostos em um olhar tecnicista. Nas práticas de saúde à luz desse princípio, desenvolve-se um espaço que é tanto terapêutico como de promoção de bem estar, por meio de abordagens caracterizadas pelo encontro, pelo diálogo entre sujeitos, pela presença acolhedora, pela escuta autêntica e por um processo de cuidado centrado no humano e suas complexidades.

Muitos agentes e atores da EPS já incorporam a amorosidade em seus fazeres cotidianos, seja enquanto alunos extensionistas, professores, profissionais da área da saúde, líderes comunitários etc. Porém, nem todos têm consciência do papel da *amorosidade* em suas ações, fazendo com que registros deixem de ser compartilhados ou mesmo subnotificados pela simples falta de conhecimento a respeito da etiologia de uma importante ferramenta de construção emancipatória e libertária. Quanto mais se estudar e se compartilhar experiências bem sucedidas na educação em saúde, mais força e aplicabilidade se associam à *amorosidade*, pois se trata de uma estratégia de via dupla, em que seu retorno a torna ainda mais estável e frutífera.

REFERÊNCIAS

1. Brandão CR. Educação Popular. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense; 1986.
2. Melo Neto JF. Educação popular: uma ontologia. In: Melo Neto JF, Scocuglia AC (Org.). Educação popular: outros caminhos. 2ª ed. João Pessoa: UFPB; 1999; p. 31-75.
3. Houaiss A, Villar MS. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. São Paulo: Objetiva; 2009.
4. Freire P. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1987.
5. Freire P. Educação e mudança. Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martins. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra; 2008.
6. Andreola BA. Carta-prefácio a Paulo Freire. In: Freire P. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP; 2000. p. 15-27.
7. Nascimento LA, Azevedo G, Ghiggi G. O conceito de amorosidade em Freire e a recuperação do sentido de educar. In: Anais do VIII Colóquio Internacional Paulo Freire; 2013 set. 19-21; Recife, Brasil. Recife: Centro Paulo Freire de Estudos e Pesquisas; 2013.
8. Freire P. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP; 2000.
9. Batista PSS, Vasconcelos EM, Costa SFG. Ética nas ações educativas e de cuidado em saúde orientadas pela Educação Popular. Interface (Botucatu). 2014; 18(2):1401-12.
10. Calado AJF. Rastreamento fontes da utopia freireana: marcas cristãs e marxianas do legado de Paulo Freire [Internet]. Consciência net. 2009 fev. 04 [Citado 2017 mar. 05]. Disponível em: <<http://consciencia.net/rastreando-fontes-da-utopia-freireana-marcas-cristas-e-marxianas-do-legado-de-paulo-freire-por-alder-julio-ferreira-calado/>>.
11. Arendt H. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Editora Perspectiva; 1972.
12. Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra; 1996.
13. Freire P. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água; 1997.
14. Streck DR, Redin E, Zitkoski JJ. (Org.). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Editora Autêntica; 2008.
15. Fernandes C. Amorosidade (verbetes). In: Streck DR, Redin E, Zitkoski JJ, organizado (Org.). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Editora Autêntica; 2008; p. 37-9.
16. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Comitê Nacional de Educação Popular em Saúde. Política Nacional de Educação Popular em Saúde no Sistema Único de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2012.
17. Brasil. Secretaria Geral da Presidência da República. Secretaria Nacional de Articulação Social. Departamento de Educação Popular e Mobilização Cidadã. Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas. Brasília: Secretaria Geral da Presidência da República; 2014.

18. Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª ed. São Paulo: Atlas; 2002.
19. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11ª ed. São Paulo: Hucitec; 2008.
20. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Caderno de Educação Popular e Saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2007.
21. Gomes AL, Moraes MST. Um olhar sobre o aprendizado dos estudantes na extensão popular. In: Vasconcelos EM, Cruz PJSC (Org.). Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência. São Paulo: Hucitec. João Pessoa: UFPB; 2011. p. 133-9.
22. Cruz PJSC, Vasconcelos EM, Silva MO. A irradiação desta experiência. In: Vasconcelos EM, Cruz PJSC (Org.). Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência. São Paulo: Hucitec. João Pessoa: UFPB; 2011. p. 104-8.
23. Santos DP. Viver(pop): somos sonhos, somos sonhadores. In: Cruz PJSC, Vasconcelos MOD, Sarmiento FIG, Marcos ML, Vasconcelos EM (Org.). Educação popular na universidade: reflexões e vivências da Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP). São Paulo: Hucitec. João Pessoa: UFPB; 2013. p. 48-52.
24. Cruz PJSC. Extensão popular: um jeito diferente de conduzir o trabalho social da Universidade. In: Cruz PJSC, Vasconcelos MOD, Sarmiento FIG, Marcos ML, Vasconcelos EM (Org.). Educação popular na universidade: reflexões e vivências da Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP). São Paulo: Hucitec. João Pessoa: UFPB; 2013. p. 181-201.
25. Vasconcelos EM. Apresentando: educação popular na universidade. In: Vasconcelos EM, Cruz PJSC (Org.). Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência. São Paulo: Hucitec. João Pessoa: UFPB; 2011. p. 15-24.
26. Fernandes MVN, Pereira JR, Salvador AS. O significado da extensão popular para a comunidade. In: Vasconcelos EM, Cruz PJSC (Org.). Educação Ppopular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência. São Paulo: Hucitec. João Pessoa: UFPB; 2011. p. 170-85.
27. Diercks MS, Pekelman R, Wilhelms DM. Grupos de mulheres e a elaboração de material educativo. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Caderno de Educação Popular e Saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2007. p. 68-74.
28. Carvalho MAP. Construção compartilhada do conhecimento: análise da produção de material educativo. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Caderno de Educação Popular e Saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2007. p. 91-101.
29. Souza ES. Educação emancipatória, o processo de constituição de sujeitos operativos: alguns conceitos. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Caderno de educação Popular e Saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2007. p. 114-6.
30. Dantas VL, Linhares AMB. Círculos de Cultura: problematização da realidade e

- protagonismo popular. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. II Caderno de Educação Popular em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2014. p. 73-6.
31. Bonetti OP, Chagas RA, Siqueira TCA. A educação popular em saúde na gestão participativa do SUS: construindo uma política. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. II Caderno de Educação Popular em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2014. p. 16-24.
32. Wong-Un JA. Aprendendo - e ajudando - a olhar o mar: das muitas saúdes, culturas e artes na educação popular. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. II Caderno de Educação Popular em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2014. p. 179-90.
33. Mano MAM, Prado EV (Org.). Vivências de educação popular na atenção primária à saúde: a realidade e a utopia. São Carlos: EduFSCar; 2010.
34. Assis M. Envelhecimento e cuidado em saúde: aprendizados e vivências. In: Mano MAM, Prado EV (Org.). Vivências de educação popular na atenção primária à saúde: a realidade e a utopia. São Carlos: EduFSCar; 2010. p. 199-209.
35. Wong-Un JA. Uma estória, meia reflexão e múltiplas vozes. In: Mano MAM, Prado EV (Org.). Vivências de educação popular na atenção primária à saúde: a realidade e a utopia. São Carlos: EduFSCar; 2010. p. 225-40.
36. Pedrosa JI. Educação popular, saúde, institucionalização: temas para debate. Interface (Botucatu). 2001; 5(8):137-8.
37. Redin E. Boniteza (verbete). In: Streck DR, Redin E, Zitzoski JJ(Org.). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Editora Autêntica; 2008. p. 66-9.

Submissão: agosto de 2017.

Aprovação: fevereiro de 2018.